

ESCARIFICAÇÃO DE SEMENTES DE AMORA-PRETA

Wellington Rodrigues da Silva¹; Maria do Carmo Bassols Raseira²

¹ Acadêmico do curso de Agronomia, FAEM/UFPEL, Bolsista CNPq/Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS, wellington.srodrigues@hotmail.com

² Engenheira Agrônoma, PhD, Embrapa Clima Temperado, bolsista CNPq, Pelotas, RS, maria.bassols@cpact.embrapa.br

Apesar de sua baixa produção no Brasil, a amoreira-preta (*Rubus* sp.) é considerada uma espécie frutífera de grande potencial para regiões de clima temperado e ampliação de renda para pequenas propriedades. O maior produtor da América do Sul é o Chile, que destina sua produção à exportação. No Brasil, as maiores produções encontram-se nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Tem sido observado aumento significativo no consumo dessa fruta, o que pode ser atribuído a estudos que comprovam suas características nutracêuticas, com a presença de carotenoides e compostos fenólicos que auxiliam no combate a doenças. Seus frutos são denominadas de minidrupas ou drupetes, sendo que sua junção forma um fruto agregado ou infrutescência. As sementes de amora-preta possuem tegumento muito duro, tornando-as impermeáveis à água e dificultando a germinação, que deve ser um processo rápido e uniforme. A escarificação química de sementes tem sido empregada para minimizar problemas relacionados à baixa germinação e emergência das plântulas. Com a finalidade de eliminar ou diminuir tais efeitos, alguns autores utilizaram o ácido sulfúrico (H_2SO_4), porém esse método deve ser aplicado com cuidado, uma vez que períodos longos de exposição das sementes ao ácido podem causar danos às suas estruturas. O objetivo do presente trabalho foi avaliar a emergência de plântulas de amora-preta, após a escarificação das sementes com ácido sulfúrico concentrado por diferentes períodos. O trabalho foi realizado no Laboratório de Melhoramento Genético da Embrapa Clima Temperado, Pelotas/RS. O delineamento estatístico utilizado foi inteiramente casualizado em esquema fatorial 3x2, sendo um fator o período de permanência das sementes no ácido (1h; 2h e 3h) e o outro fator o genótipo, com duas seleções. Foram empregadas quatro repetições e cinquenta sementes por parcela. Para a escarificação, as sementes foram colocadas em um becker de 100 mL, cobertas por 20 mL de ácido sulfúrico (98%), onde permaneceram por 1h, 2h e 3h. Após a retirada das sementes, o ácido foi neutralizado com uma solução saturada de soda ($NaOH$)², e as sementes foram lavadas em água corrente. As sementes foram semeadas sobre papel filtro, embebidos em solução fungicida e depois embaladas em sacos plásticos (10 cm x 10 cm). Esses foram levados à câmara fria à temperatura de $4 \pm 1^\circ C$ até ser observada a emissão da raiz primária em algumas sementes. As sementes foram transferidas para recipientes plásticos com o fundo perfurado, para evitar o acúmulo de água, contendo areia e vermiculita na proporção de 1:1. Após quatorze dias da semeadura, avaliou-se semanalmente o número de plântulas formadas, calculando-se a porcentagem de emergência, considerando o total de sementes plantadas. O período de três horas de permanência no ácido foi o que apresentou maior emergência de plântulas (35%), mas não diferiu estatisticamente do tratamento que empregou duas horas de imersão no ácido (21%), sendo que o período de uma hora foi o que apresentou os piores resultados (15%). Entre as seleções, não houve diferenças significativas. Conclui-se que a escarificação de sementes de amora-preta por três horas com ácido sulfúrico é o tratamento mais indicado, sendo que duas horas de exposição ao ácido já possibilita a obtenção de bons resultados.

Agradecimentos: Ao CNPq, pela concessão de bolsa de estudos aos autores.